

# **SEMANA** ***Pedagógica***



## **ANEXO IV**

**Professores, pedagogos e diretores das Escolas  
Especializadas – Parecer 07/2014 CEE/PR**  
Alfabetização: ampliando os estudos sobre os métodos



## ANEXO IV

### COMO “ENSINAR” CAPACIDADES? AS CAPACIDADES MOTORAS

CELSO ANTUNES

#### ENSINAR OU DESPERTAR?

Não é sem motivo que a palavra “ensinar” aparece entre aspas. Se consultarmos o Minidicionário Enciclopédico Escolar, de Ruth Rocha e Hindenburg da Silva Peres, o verbete informa que ensinar significa instruir, educar, adestrar, castigar.

O conceito apavora e concordar plenamente com ele seria um retrocesso, pois instruir e educar são conceitos aceitáveis, mas adestrar e castigar remete-nos justamente escola da qual procuramos fugir. É por esse motivo que grafamos “ensinar” entre aspas, e também para refletirmos sobre o fato de que capacidades não se ensinam. Melhor seria afirmar que elas são despertadas, postas em atividade, e que, nesse sentido, o trabalho docente deve levar o estudante a acumular algo que já nasce com ele. Ao estimular as capacidades de seus alunos, o professor deve levá-los a aumentar seu potencial, acumular ações, transformar-se pelo acesso.

Quais capacidades podemos ensinar? Ainda que muitas sejam plausíveis e algumas delas se confundam com a própria mobilização de competências e estímulos às inteligências, nós nos fixaremos em três, as quais são pertinentes à escola que temos: as capacidades motoras, emocionais e, principalmente, cognitivas. Essa relação não difere muito das estabelecidas pelo Ministério de Educação e Cultura ao elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). A equipe do MEC sugeriu diversas capacidades que devem ser trabalhadas ao longo das diversas séries do ensino fundamental e, dessa maneira, todo professor que estudou esses documentos encontrará, a seguir, algumas ideias velhas associadas a outras que acreditamos inéditas.

#### DESPERTANDO AS CAPACIDADES MOTORAS: A ALFABETIZAÇÃO DO TATO

Qual é o momento mais importante na vida de uma pessoa? O instante em que motivada por pesquisas, atormentada por reflexões, animada por leituras, tal como entusiasta cientista, constrói e inventa sua tese, ou o instante em que ainda bebê, em seu berço, descobre com as mãos o brinquedo oculto pelo lençol que os olhos não vêem?

Em ambos os casos, a mente construiu a “hipótese”. No caso do bebê, o tato foi o caminho que pela iniciativa do toque “despertou” a capacidade de imaginar o possível, provar a teoria que demonstra. A mente humana é admirável e, desde cedo,

pode construir conclusões através da sensação: no exemplo, os dedos funcionam como olhos. Como o bebê foi capaz de *enxergar* o brinquedo coberto pelo lençol, pode vê-lo com a extremidade dos dedos. Os padrões que existem no cérebro tendem a buscar ideias já existentes. Para que se estabeleça uma ideia nova é necessário antes criá-la mentalmente como possibilidade ou hipótese. Pense serenamente nessa experiência e depois responda quantas vezes você acha que ela foi desenvolvida em sala de aula?

Não é difícil imaginar sua resposta. Não se constitui uma praxe em sala de aula despertar a capacidade tátil, não só para aprimorá-la, mas, sobretudo para torná-la “ferramenta” de pensamentos mais elevados, instrumento de deduções ou conclusões. Infelizmente, a imensa potencialidade tátil de um ser humano é desconsiderada em quase todas as salas de aula. As coisas acontecem como se fosse possível concluir que, por termos bons olhos, não precisamos de mais nada.

Embora o professor não faça do tato uma ferramenta de uso constante, ao menos algumas vezes seria importante utilizá-lo. Não seria possível, por exemplo, construir-se uma maquete para que o aluno a descobrisse com o tato? Será que o estudante que percorre o modelo cerâmico do corpo humano não o compreende melhor se o fizer com os olhos vendados? Será que não existe muito mais aprendizagem significativa no modelo da física que primeiro tateássemos para depois olhar? Como será aprender química em escolas de deficientes visuais? Não podemos adotar suas lições para ampliar a construção de significados?

## DESPERTANDO AS CAPACIDADES MOTORAS: A ALFABETIZAÇÃO DO OLHAR

A percepção visual é uma forte aliada da sabedoria. A sabedoria pode ser decorrente de muita leitura, sensíveis reflexões, vasta experiência ou até mesmo de mais anos de vida, porém pode ser obtida mais cedo pela ampliação da percepção visual, pelo olhar abrangente. No início chega-se a esse olhando coisas, depois olhando-se e, finalmente, olhando ideias.

É essencial que nossos alunos aprendam a enxergar mais profundamente e descubram a sabedoria crescendo com seu crescer; é essencial despertar-lhes a capacidade motora de enxergar, alfabetizá-los primeiro em olhar e depois em ver.

Evidentemente, olhar é bem mais fácil que ver, além de ser naturalmente muito mais cômodo. No entanto, será que uma verdadeira educação pode prescindir da alfabetização do olhar? Será tão difícil a um professor ensinar seus alunos a verem? Será impossível ou por acaso difícil aos pais alfabetizarem, passo a passo, seus filhos nessa aprendizagem? Será que um professor de história, quando mostra um momento, não pode educar a abrangência e a plenitude dessa percepção? Será que somente indo à Mata Atlântica um professor de geografia pode ensinar aos seus alunos o caprichoso caminho da visão? Será que um professor de ciências, língua portuguesa ou língua estrangeira não dispõe de conteúdos que simbolizem excelentes exercícios para se treinar o olhar? Será impossível que a educação física aprimore essa capacidade? Será que um aluno pode verdadeiramente entender



geometria sem que seja educado a olhar? Será que um slide, uma foto, um desenho não são ferramentas do olhar? Será que nossas escolas não poderão convidar fotógrafos e pintores para ensinar seu olhar aos alunos? Será que os recursos extraordinários dos microcomputadores não constituem convites a novas maneiras de olhar?

Seria ingênuo esperar que existissem manuais inteiramente prontos, que ensinassem aos professores os passos para desabrochá-lo dessa capacidade. Provavelmente não existem e, se forem elaborados, teriam validade restrita a espaços ambientais nem sempre transferíveis. O campo visto por Monet certamente não era o mesmo que tão bem enxergou Van Gogh. Ambos, entretanto, ainda que vendo diferentemente, viam o que muitos de seus contemporâneos não sabiam ver. Pintar é antes uma habilidade visual que uma sensibilidade manual. Mais importante que buscar essas receitas é construí-las dentro da própria sala de professores.

Será que, um grupo de educadores realmente interessados em transformar essa ideia em projeto, discutindo algumas horas, não chegaria a ideias interessantes? Será que essas ideias, se colocadas em prática, não sugeririam outras e depois mais outras? Convém não se argumentar que professores que não foram alfabetizados a ver não poderiam ensinar a seus alunos o que não aprenderam; basta lembrar que nem todo bom treinador foi jogador, ou que a pedra de afiar não corta!

Até quando podemos, impunemente, receber uma criança na escola e liberá-la, cerca de 20 anos depois, sem despertar duas de suas capacidades mais extraordinárias? Chega a ser surpreendente que, com a escola que temos, sejam forçados arquitetos, pintores e muitos outros artesãos do toque, peritos no enxergar.

## **DESPERTANDO AS CAPACIDADES MOTORAS: A ALFABETIZAÇÃO DO PALADAR E DO OLFATO**

Existe um ponto de unanimidade entre diferentes correntes científicas que analisam o Brasil e o brasileiro. Sociólogos, antropólogos, educadores, economistas e outros profissionais são unânimes em reconhecer que o Brasil é o país do desperdício. E não há como negar isto: um simples olhar em volta mostra-nos que desperdiçamos energia e recursos, materiais e produtos de todo tipo, a toda hora e em todos os lugares. Cifras assustadoras lembram-nos que o quanto é jogado fora em cada obra da construção civil e em nossos depósitos de lixo constitui verdadeira afronta à racionalidade, tão essencial para a sobrevivência do planeta.

No entanto, não é apenas energia e recursos que jogamos fora; nossa educação atira pela janela imensas potencialidades, extraordinárias capacidades do ser humano. Um exemplo não menos espantoso desse desperdício é não explorarmos em nossos alunos os recursos admiráveis de seu paladar e de seu olfato.

Não raras vezes, pensando a educação como “quebra galho”, nos satisfaz com a mediocridade de um paladar restrito e de um olfato limitado. Costumamos

imaginar que basta crescer distinguindo gostos amargos e doces, azedos ou ardidos. Para que mais? Basta identificar olfativamente o perfume importado de qualidade da colônia de terceira categoria, o mau odor da falta de banhos, do de talcos refinados e já nada mais se busca. Para quê? Acaso vamos ganhar mais dinheiro com o paladar do degustador ou com o olfato do perfumista? Usaremos na Engenharia ou na medicina, na Administração ou na Economia uma sensibilidade mais aguçada? Ora, como a resposta é negativa, esqueçamos uma escola preocupada também com a educação, porque não dizer com uma verdadeira “alfabetização” do paladar e do olfato.

Apesar de importante, essa não pode ser a única maneira de pensar. É possível aceitarmos também a ideia de que os mestres podem ampliar de maneira incomensurável o potencial de seus discípulos. Pense no infinito olhar de mãe, carregado de ternura, em seu bebê que caba de nascer. Por acaso não deseja que “tudo” lhe seja dado? Por acaso não ambiciona a vontade infinita de abrir todos os seus saberes, tornar-se imortal em sua dimensão de mestra, ampliando-lhe todos os horizontes? Será que o amor de mãe pode ser mercantilizado, ensinando apenas coisas úteis?

Até bem pouco tempo atrás, éramos herdeiros da concepção de que os talentos humanos vinham pré-programados na mente e que, por isso, nada poderia ser feito para estimulá-los mais. Tolamente, acredita-se que as crianças “nascem programadas” pra serem hábeis ou inábeis; boas ou ruins; capazes ou incapazes. Restava-nos o consolo de apenas “desejar” que esta ou aquela criança nascesse programada com uma sensibilidade maior. Contudo, essas ideias estão ultrapassadas. Hoje sabemos que não é apenas possível, como também desejável, uma educação integral, plena, completa. Embora essa tarefa não seja fácil, certamente não é impossível. A mente humana, tal como os músculos, se treinada de maneira sistemática, seguindo-se um projeto coerente, com metas e estratégias claramente definidas, pode alcançar horizontes notáveis, limites ainda não descritos no ser humano.

Para os educadores que acreditam nessa nova educação, surgem duas dúvidas: será também esta a “minha” função? Em caso afirmativo, como desempenhá-la na aula de ciências, no ensino das geografia, na operacionalização da matemática? As respotas não são difíceis.

Se essa não for sua missão, de quem será? Dos pais, como complemento, sem dúvida e, além deles, de quem mais? Seria, porventura, missão dos advogados. Dos contabilistas? Dos militares? É evidente que, quando se alfabetiza o olfato e o pladar, educa-se, e a quem cabe educar senão aos educadores?

Quanto à segunda pergunta, acreditamos tê-la respondido antes. Será que alguns minutos de reflexão não levariam o professor a algumas respostas? Será que uma reunião docente para essa explícita finalidade não abriria horizontes? Será que a bela humildade de se buscar entre os alunos propostas e sugestões traria apenas respostas negativas?



Será que o “não sei”, aos poucos, não pode transformar-se em “vou tentar!? Será que “inventar receitas” não é bem mais saboroso que apenas imitá-las? Será que na magia de um sushi não pode esconder-se uma aula admirável sobre o Japão? Será que não podemos remontar ao Brasil Colonial pela culinária dos colonizadores? Será que a policromia de etnias que o país apresenta não pode ser alcançada pela análise de suas receitas culinárias? Será, enfim, que o admirável sincretismo religioso, tantas vezes difícil de ser explicado pela sociologia ou até mesmo pela filosofia, não se apresenta como síntese formidável em uma feijoada? Será que as bebidas de determinado país não refletem seu componente histórico, os produtos possíveis em seu clima? Será que não existe mais matemática ou mais química em uma macarronada que em um teorema?

## DESPERTANDO AS CAPACIDADES MOTORAS: A ALFABETIZAÇÃO DA AUDIÇÃO

Quando ouvimos uma voz amiga ou uma música agradável, despertamos lembranças, revitalizamos saudades. A vida, já dizia o sambista, não é somente isso que se vê, é um pouco mais. Pouco? Por que pouco? A vida pode ser mais, muito mais, quando esticarmos o limite de sua percepção e aprendermos a ver e a ouvir, a fazer dos sons formas precisas e infinitas de comunicação.

Infelizmente, porém, a sensação do olhar é extremamente “gulosa” e, como vemos, praticamente nos esquecemos de ouvir. Passamos pelo tempo como se nossa capacidade auditiva fosse apenas um benefício suplementar, um recurso de relativa validade, evidenciando-se de maneira apenas assim significativa quando privados do olhar. Com essa concepção dos sentidos, é extremamente estranho considerarmos que é importante educar o olhar e fazer desse recurso de nossos alunos um elemento essencial de sua aprendizagem significativa e da atribuição de sentidos aos conteúdos escolares recebidos. Por tudo isso, não educamos a audição, não exaltamos a imensa delícia e riqueza que se escondem na propriedade de distinguir ruídos, perceber nuances de timbres e, sobretudo, integrá-los como elementos de um cenário no qual vivemos e no qual buscamos conviver.

Experimente decompor as *propriedades das cores*<sup>1</sup>. Imagine-se “ensinando” cores a um aluno, mostrando-lhe as sutilezas do amarelo, as linguagens do verde e as nuances do azul. Fale depois sobre as cores “frias” e as “quentes” e busque significado nas telas de Monet ou nas aquarelas de um colega de classe. Depois dessa experiência, passe para a progressiva, lenta, mas ininterrupta educação da audição. Tal como fez com as cores, faça agora com os sons. Leve-o a descobrir ruídos “altos” e “baixos”, depois ruídos “agradáveis” e “desagradáveis”; os que “nada dizem” e os que escondem “inúmeros dizeres”. Se quiser, invente nomes para alguns ruídos e brinque de criar palavras novas, integrando um som ao outro. Após

<sup>1</sup> Propriedade das cores – Para maior aprofundamento desse tema, acreditamos ser imprescindível a leitura de Arte, Mente e Cérebro, de Howard Gardner, publicado pela Editora Artmed, porto Alegre, 1999, particularmente a parte intitulada “O desenvolvimento artístico nas crianças”.



exercitar o ouvido no presente, use a memória em uma primeira etapa e depois use igualmente a imaginação. Através da memória, busque nas lembranças alguns ruídos que não existem mais, a voz que se calou e aquela que ainda é possível reabilitar. Use e abuse das habilidades operatórias, ensinando o aluno a comparar, classificar, descrever, integrar, associar ruídos como quem reconstrói um cenário que já não se ouve mais, construa ruídos que ficaram no tempo, foram guardados pela história. Leve seus alunos a descobrir toda a grandeza de um gravador e faça do mesmo um novo “álbum de fotografias”.

## DESPERTANDO AS CAPACIDADES MOTORAS: O MOVIMENTO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

A aula de educação física, quase sempre e para a maior parte dos alunos, é o momento mais desejado da rotina escolar. Em escolas conservadoras, é a oportunidade para o movimento, o grito, o abraço, o entusiasmo. Não raramente se cultua o corpo e dá-se vida ao esporte.

Todavia, será que em muitos momentos, em outras disciplinas, também não é possível usar o corpo e o movimento como recurso ou linguagem de comunicação de conteúdos? Será que um aluno que realmente aprendeu história não pode falar de seus saberes sem palavras, com a linguagem corporal? Será que não podemos usar a coreografia do movimento, a magia da mímica, para explicarmos teorias, sugerirmos hipóteses, detalharmos eventos? Até quando o encantamento das quadras não pode invadir a sala de aula, e os saberes cognitivos da vetusta sala não serem procurados na quadra? Imagine o que, juntas, não podem combinar a professora de geografia com sua colega de educação física? Já pensaram em um planejamento integrado entre a disciplina do corpo e a mensagem da mente? Já perceberam que, com essa conexão, não mais se separa o que na vida é verdadeiramente inseparável? Quando, séculos atrás, o povo grego ensinava que a mente sadia somente habita um corpo saudável, não se fazia dicotomia entre um e outro, e sim os integrava em uma procura única. Será que é possível separar o estudo da dança no Brasil do estudo da própria cultura brasileira? Será que não existe mais samba na história que história no samba? Já imaginaram um roteiro de geografia do Brasil, ou do mundo inteiro, através dos ritmos, das danças, dos movimentos corporais? Será assim tão difícil reabilitar um tempo de tão expressivo valor? Será assim tão complicado tentar?

ANTUNES Celso, **Novas Maneiras de Ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 51-59.